

**A INCLUSÃO DO GÊNERO FEMININO ESQUECIDO: empoderamento de mulheres  
que se tornaram professoras**

THE INCLUSION OF THE FORGOTTEN FEMALE GENDER: Empowerment of women  
who have become teachers

CAVALCANTI, Ana Paula Mendes Rodrigues<sup>1</sup>

CASTRO, Filipe Arruda de<sup>2</sup>

AMORIM, José Henrique de Oliveira<sup>3</sup>

RANGEL, Ingrid Eneide Gonçalves<sup>4</sup>

## RESUMO

O presente artigo parte das teorias pós-críticas de currículo quando as mesmas trabalham a questões do multiculturalismo e das diferenças culturais. Entre as diferenças, destacamos as de gênero, que desde o Brasil patriarcal, tornaram mais acentuadas as relações de poder entre homens e mulheres destacando-o, como o sexo forte e ela, como o sexo frágil, o belo sexo. Estas diferenças culturais se estenderam, inclusive, para o currículo fazendo com que os homens tivessem acesso a componentes curriculares e cursos em que podiam exercer as funções de mandonismo, acentuando as relações de poder. Foi na profissão de professora, que encontraram respaldo de independência, inclusive, para fugir dos destinos que eram prontos e naturalizados, através do casamento. Estudar a prática educativa de mulheres que se tornaram professoras, mas que não tiveram visibilidade, faz parte deste projeto de pesquisa. O Colégio Dr. Elpídio Almeida - O Estadual da Prata, teve a primeira mulher na gestão após 52 (cinquenta e dois anos) de fundação. Nosso objeto de estudo é a primeira mulher gestora daquela instituição de ensino que tem um legado cultural, memorialístico e histórico no município de Campina Grande - PB. Dar visibilidade às mulheres professoras é o nosso objetivo geral. Para tanto utilizaremos a metodologia que toma como base a História Cultural, visitas ao Colégio e entrevista com a primeira mulher gestora. Esperamos que este trabalho possa contribuir com a discussão sobre as mulheres, que foram esquecidas ao longo da História.

### Palavras – chave:

mulher - educação - gênero

---

1 Professora orientadora do Projeto de extensão Cultura, memória e história: a prática educativa de mulheres que se tornaram professoras. Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, campus I - Campina Grande. E-mail: draanapaulauepb@gmail.com.

2 Graduando do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba – PB, filipecastrofac@gmail.com

3 Graduando do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba – PB, amorimhenrique333@gmail.com

4 Graduando do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba – PB, ingridrangel\_@hotmail.com

## ABSTRACT

The present article starts from the post-critical curriculum theories since they concern about issues of multiculturalism and cultural differences. Among the differences, we highlight gender differences which since patriarchal Brazil, have made the power relations between men and women more pronounced, such as man as the strong sex, and woman, as the fragile sex, the beautiful sex. These cultural differences also extended to the curriculum, making it possible for men to have access to curricular components and courses in which they could exert the functions of command, enhancing relations of power. It was in the profession of teacher, that they found support of independence, including to escape the destinies that were already ready and naturalized for them, through the marriage. Studying the educational practice of women who have become teachers, but who did not have visibility, is part of this research project. The school Dr. Elpídio Almeida College – Estadual da Prata, had the first woman in management after 52 (fifty-two) years of foundation. Our object of study is the first woman who was manager of that educational institution that has a cultural, memorial and historical legacy in the city of Campina Grande - PB. Giving visibility to women teachers is our overall goal. To do so, we will use the methodology that is based on Cultural History, visits to the school and interviews with its first woman manager. We hope that this work can contribute to the discussion on women, which have been forgotten throughout history.

**Keywords:** woman – education - gender

## 1. INTRODUÇÃO:

Falar sobre currículo implica saber que não se trata apenas de uma estrutura composta por componentes curriculares, disciplinas dispostas numa grade, como historicamente vem sendo denominada, mas de uma relação de saber, poder e identidade (SILVA, 2007, p. 150). O currículo discorre sobre tudo o que aprendemos durante o percurso da vida estudantil, desde as séries iniciais até o mais alto nível acadêmico. Neste percurso está imbricada também a subjetividade, que pode vir através do conhecimento que adquirimos, principalmente, na relação, no significado e no impacto que este conhecimento tem para a vida profissional, acadêmica e pessoal.

Ainda segundo Silva, (2007, p. 25), currículo significa “pista de corrida” e nele “nos tornamos o que somos hoje” aliado às interações sociais que fazemos nos mais variados espaços. Nesse sentido vamos nos identificando com as posições sociais, políticas, ideológicas, de gênero, de sexualidade e com os mais variados grupos que participamos ao longo da vida escolar. Por isso, não podemos conceber um currículo pronto, acabado, muito menos, descontextualizado dos aspectos sociais, econômicos, políticos, ideológicos, culturais.

O currículo é movimento, dinâmica, integração, aprendizagem. Jamais a redução a um conjunto de “disciplinas”, distribuídas numa “grade”, tampouco, dividido entre homens e mulheres, numa perspectiva hierárquica, de relação de força, uma vez que, historicamente falando, o currículo já foi planejado de acordo com o gênero (e conseqüentemente, classe social) a que se fazia parte. Nessa perspectiva, a elaboração do currículo tomava como base a seleção de conteúdos que homens e mulheres deveriam conhecer.

Apesar do cotidiano caracterizado por regras, muitas mulheres se destacaram pelas atitudes que tiveram e profissões que exerceram, sobretudo em contextos cuja vida social feminina era restrita. Foram escritoras, jornalistas, professoras, advogadas que além de assumirem um lar e todas as suas atribuições de boas mães e respeitadas esposas, se sobressaíram diante de uma sociedade que vigiava e punia àquelas que fugissem do papel natural de realização plena num casamento.

O presente artigo parte das teorias pós-críticas de currículo quando as mesmas trabalham a questão do multiculturalismo e das diferenças culturais. Entre as diferenças, destacamos as de gênero, que desde o Brasil patriarcal, tornaram mais acentuadas as relações de poder entre homens e mulheres destacando-o, como o “sexo forte” e ela, como “o sexo frágil, o belo sexo”. Estas diferenças culturais se estenderam, inclusive, para o currículo fazendo com que os homens tivessem acesso a componentes curriculares e cursos em que podiam exercer as funções de mandonismo, acentuando as relações de poder. Às mulheres, restaram as funções de cuidado, de extensão do lar. Foi na profissão de professora, que encontraram respaldo de independência, inclusive, para fugir dos destinos que eram prontos e naturalizados, através do casamento.

Estudar sobre mulheres que se tornaram professoras, sobretudo, as que tiveram na profissão uma forma de independência, de ascensão social, faz parte do tema do projeto de extensão a que este grupo faz parte, intitulado *Cultura, memória e história: a prática educativa de mulheres que se tornaram professoras*. Este trabalho é, portanto, fruto da pesquisa que estamos desenvolvendo no Colégio Dr. Elpídio de Almeida popularmente conhecido como Colégio Estadual da Prata, localizado no Bairro da Prata, no município de Campina Grande - PB.

O nosso objeto de estudo tem como base a primeira mulher diretora daquela instituição de ensino e o objetivo é descrever a trajetória que levou o Colégio Estadual da Prata, depois de cinquenta e quatro anos, a instituir em seu quadro de direção, a primeira mulher. Para o andamento deste trabalho adotamos enquanto metodologia idas ao referido colégio para obter informações a respeito da trajetória histórica do mesmo, bem como, das eleições para a direção que escolheu a primeira mulher. Também tivemos conversas informais com a atual gestora do

colégio, para saber a respeito das eleições e na ocasião, tivemos acesso ao acervo composto por fotos, móveis, diplomas, homenagens escritas, cadernos de anotações de professores. Todo este acervo se tornou nossa fonte de pesquisa.

Como a pesquisa é de caráter bibliográfico temos como referência a Nova História Cultural, na perspectiva de Peter Burke, quando coloca em visibilidade novos objetos de pesquisa. Segundo este autor, (1991, p. 65), a História Cultural sofreu forte influência do Feminismo, uma luta pela independência do controle masculino que estava “preocupada tanto em desmascarar os preconceitos masculinos como em enfatizar a contribuição feminina para a cultura, praticamente invisível na grande narrativa tradicional”. Segundo Scott (1989, p. 19), “[...] a história do pensamento feminista é uma história de recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino”.

Também discutiremos o conceito de representação, na perspectiva de Roger Chartier à medida que fomos compreendendo que tanto a mulher, quanto as instituições sociais tinham/tem uma representação dentro do contexto social em que estão. Para discutir sobre gênero utilizamos Scott (1989), Louro (1997), Priore (2012) e Galvão (1994). Nesse sentido a pesquisa tem caráter bibliográfico quando nos aprofundamos em autores que discorrem sobre os temas que serão abordados.

## **2. AS CULTURAS SILENCIADAS NO CURRÍCULO:** falando sobre mulheres

Por muito tempo a mulher foi escondida e excluída da história. A discussão sobre a história da mulher ou história da educação feminina, enquanto objeto de pesquisa, não era prioridade para a ciência. Foi depois da década de 1990, através de publicações de artigos neste assunto, que houve um aumento considerável da bibliografia que trata da educação da mulher numa perspectiva histórica, bem como a aceitação da palavra gênero, para denotar a dimensão social construída através da relação entre homem e mulher.

Ao contrário do que muitos pensam, não foi o feminismo que criou a categoria gênero, uma vez que ela teve início na pesquisa acadêmica. Porém a militância está totalmente articulada à cientificidade quando se trata de gênero (e raça). Assim, quando se fala de gênero, os estudos não são neutros, mas estão carregados de luta, persistência e resistência.

Trataremos gênero aqui como uma diferenciação entre os sexos e o tomaremos como construção social que uma dada cultura elege em relação a cada um dos sexos, e a relação estabelecida entre eles. O gênero também é uma categoria relacional, pois está atrelada a outras categorias como idade, raça e classe social, e estuda o homem, levando em conta o outro sexo,

tendo em vista que um gênero se constitui com relação ao outro, seja na presença ou ausência do mesmo. Portanto, o conceito de gênero não tem como referência a um ou outro sexo em específico, mas como são socialmente construídas, uma vez que, as relações entre eles estão interligadas com as relações de poder que revelam os conflitos e as contradições que marcam a sociedade.

As configurações de poder entre os gêneros, as normatizações valorativas, os significados e símbolos diferenciam de acordo com as culturas, as classes sociais, raças e momentos históricos, gerando redes de significações que são refletidas em todos os âmbitos da vida cotidiana. Tais significações estão cheias de desigualdades, que produzem e reproduzem a discriminação influenciando todas as instâncias da vida social pública e privada, tais como na profissão, no trabalho, no casamento, no padrão de vida, nos meios de comunicação e nas ciências (como História e Antropologia). Por conseguinte, a utilização do termo implica o não acatamento do pressuposto da inferioridade biológica e intelectual feminina do positivismo, que no século XIX, levou a considerar como natural o poder masculino sobre o feminino. A diferença natural entre os sexos justificava a opressão feminina e sua exclusão da sociedade.

Segundo Louro (1997, p. 478), “não há como entender a história de como as mulheres ocuparam o magistério, sem reconhecer que esta se constituiu também no âmbito das relações de gênero”, que combinado à religião, classe, idade, designou posições que as professoras (MULHERES) ocuparam. Vamos discutir um pouco desta história para situar o tema sobre estas relações.

## **2.1 Mulheres na Educação: um breve histórico**

O fluxo político-social vivido no final do século XIX e início do século XX, carregava um discurso repressor, que pregava uma concepção positivista a respeito das mulheres, atribuindo às mesmas, uma idealização de pureza, moralidade - principalmente cristã -, dom da maternidade, generosidade e ausência do instinto sexual. Todo discurso positivista das qualidades morais femininas, domesticidade e renúncia, foi determinante para a desclassificação da mulher como ser igualmente capaz frente aos homens, pois esta seria valorizada apenas na sua tarefa de mãe, esposa e dona de casa, da qual o casamento era a principal aspiração.

O magistério surge para as mulheres como uma chance de mudança na realidade idealizada pelos positivistas, ele vem acompanhado pela esperança de conquistar uma

“independência feminina”, ou seja, a quebra das barreiras ideológicas que mantinham uma sociedade machista controlada por homens ricos detentores de todo o poder sobre as mulheres.

Quando o magistério passa a ser compreendido como uma profissão feminina, se torna a grande oportunidade dessas mulheres esperançosas que lutavam para se tornar livres dos limites impostos por aqueles que se diziam maiores que elas, podendo assim decidir o que caberia ou não a cada mulher. Mesmo sendo uma conquista pequena e lenta diante de tudo aquilo que ainda deveriam conquistar, as mulheres se mantêm firmes em seus ideais que desconstruiriam a categorização vigente que definia aquilo que a mulher deveria ser, aonde ela poderia estar e quais coisas era obrigada a fazer. Ao mesmo tempo que aconteciam guerras e conflitos e o mundo dava grandes passos para uma globalização, o movimento feminista foi tomando forma e as mulheres começaram a reivindicar um espaço digno na nova sociedade.

Foi por volta de 1870 que as mulheres começaram a tomar “posse” das escolas normais, uma vez que, elas estavam se formando em maior número que os homens, que trabalhavam também, em outras áreas. A educação passou a ser, cada vez mais, o espaço das mulheres ocasionando a ascensão feminina no magistério.

Essa conveniência causou a ascensão feminina no magistério. Sobre esta, podemos ressaltar alguns aspectos importantes, como: a influência religiosa; as barreiras determinadas pelos homens no poder; o que impulsionava o desejo de ser letrada; quem eram essas mulheres e qual era a sua postura como professoras.

Na época em que as mulheres começaram a ter um lugar no magistério, a religião era grande detentora do poder de persuasão, ou seja, tentava controlar o agir e o pensar das pessoas pelas suas regras ditadas em um discurso de salvação, moral e ética. Sendo assim, as mulheres eram aquelas com a missão de cuidar e amar acima de todas as coisas, elas encarregavam-se dos cuidados com a casa, o marido e os filhos, e agora, além dos seus, deveriam cuidar também da educação dos filhos de outros e o fazer com muito amor, dedicação e responsabilidade. “Era aceitável que as mulheres desempenhassem um trabalho, desde que este significasse cuidar de alguém” (ALMEIDA, 1998, p. 32).

O trabalho das mulheres era tratado como uma “missão” que estava sempre relacionada a maternidade, elas eram obrigadas a transmitir uma conduta formada pelos princípios religiosos, precisavam esconder qualquer indicio de sexualidade, e na escola elas deviam repassar o que tinham aprendido sobre moral e bons costumes, uma vez que eram responsáveis pela educação dos homens do futuro. Elas deviam ser dedicadas, carinhosas e tinham que entregar-se a profissão com grande estima, além de tornar-se “mãe espiritual” dos seus alunos. Caso não acontecesse dessa forma, elas não eram dignas de exercer o cargo. Segundo Louro

(1997, p. 451) “O magistério era visto como uma extensão da maternidade, o destino primordial da mulher. Cada aluno ou aluna era representado como um filho ou filha espiritual e a docência como uma atividade de amor e doação [...]”.

As senhoras trabalhariam inicialmente em um horário que pudesse conciliar com seus deveres na casa, aquela que não tivesse condições de fazer os dois com efetividade não entraria na carreira de professora, continuaria somente com a sua missão de mãe cuidadora, pois essa era mais importante.

Para adentrar o universo do magistério, as mulheres conheciam as barreiras que determinariam até onde elas iriam. “Mantida dentro de certos limites, a instrução feminina não ameaçaria os lares, a família e o homem” (Ibid, 1998, p. 33). Essa era a doutrina mais influente no momento para justificar a entrada das mulheres no magistério, para isso se afirmava que, as mulheres seriam instruídas para cuidar das crianças na escola enquanto os homens se preocupariam com outras situações, iriam para as guerras, tomariam conta das finanças, da política, e dos cargos mais importantes na sociedade.

No que tange a educação escolar, os homens montaram um currículo que segregava as professoras a “guetos femininos” (Ibid, 1998), no qual elas se mantinham no ensino de valores, a educação familiar, o cuidado e proteção das crianças, como uma mãe, enquanto os homens ensinavam matérias como matemática e lógica. Portanto, a mulher era mãe do começo ao fim de sua vida, até mesmo dentro da escola.

Dessa forma se configurou a presença das mulheres na educação durante os seus primeiros anos: estavam na sala de aula ensinando o que lhes era determinado e nada além disso (currículo limitado), para os alunos que lhes era permitido dar aula (todas as mulheres e os homens que tinham menos de 14 anos), enquanto os homens cuidavam das decisões importantes da escola, estavam controlando o sistema, criando o currículo e administrando os problemas, dado que as mulheres não teriam capacidade para tais serviços.

Alguns fatores impulsionavam essas mulheres ao desejo de mudança, muitas obrigadas a se casar ainda jovens não tinham outra opção e muito menos o direito de escolha ante aos seus anseios, outras querendo tornar-se autônomas, independentes para viver sem a necessidade de um marido ou uma família.

Para as mulheres casadas, que faziam parte da elite, já havia uma certa garantia financeira pela fortuna da família, mas o magistério lhes dava a chance de viver algo além dos trabalhos da casa, a instrução acrescentaria a suas vidas coisas que até pouco tempo eram exclusivas para homens. Tudo isso foi despertando a curiosidade em descobrir tudo que o magistério poderia proporcionar a elas, aonde poderiam chegar sendo professoras, ou as

ousavam até em pensar mais adiante, desejavam viver totalmente livres do controle de qualquer homem, queriam cuidar de si mesmas e lutar por um espaço de maior valor na sociedade.

A possibilidade de aliar ao trabalho doméstico e à maternidade uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez que “ser professora” se tornasse extremamente popular entre as jovens e, se, a princípio, temia-se a mulher instruída, agora tal instrução passava a ser desejável, desde que normatizada e dirigida para não oferecer riscos sociais. (ALMEIDA, 1998, p. 28).

Ser professora possibilitou o ingresso no mercado de trabalho através de uma profissão digna que lhes proporcionava uma independência financeira e uma vivência no meio social, e mesmo que ainda fosse algo singelo, se tornava cada vez mais popular entre as jovens. O sentimento de poder possuir uma função importante para a sociedade ia além dos impasses como a desvalorização da profissão, salários baixos, currículo controlador, etc. Elas sentiam esse poder dentro da sala de aula e compreendiam a relevância da sua luta para a classe.

Mas, afinal, quem eram essas mulheres que tinham acesso a instrução? Porque podiam agora entrar nas escolas e conviver naquela sociedade que antes as excluía? No primeiro momento, as mulheres que tiveram acesso a instrução foram as mulheres de uma elite letrada, as filhas dos donos de terras, homens que detinham poder econômico e muita influência na cidade. Estas, aprendiam desde cedo sobre etiqueta, valores, culinária, costura e religião, eram verdadeiramente educadas, por isso entendiam-se como mulheres que poderiam assumir a função de professora.

Depois que tiveram acesso à educação, as mulheres almejavam mais, pois, ao ter o poder de estar na sala de aula e expressar-se – mesmo reprimidas pelo currículo – bem como conviver com homens instruídos, começaram até a se inserir em discussões filosóficas, antes restritas somente aos homens. Tudo isso lhes abria os olhos para perceber o quanto elas alcançariam através do magistério se estivessem dispostas a mudar a realidade imposta não só para elas, mas para todas que viriam depois.

Existia um tipo de sistematização que criava um “jeito de professora” ao qual as mulheres deveriam se adaptar antes de ser professoras e leva-los consigo pelo resto da vida, demonstrando sua seriedade e dedicação a profissão que tanto amava. Elas eram moldadas porque também afetariam o interesse de suas alunas que se inspiravam nessas professoras como modelos essenciais na construção de sua conjuntura pessoal, sua postura e seu comportamento. “Uniformes sóbrios, avessos à moda, escondiam os corpos das jovens, tornando-os praticamente assexuados, e combinavam-se com a exigência de uma postura *discreta e digna*” (LOURO, 1997, p.461 - grifos nossos).



Com efeito, isso trazia também um pensamento de “compensação” em que muitas mulheres sem esperança, sentindo-se reprimida pela sociedade, que não tinham o desejo de se casar ou não encontravam um parceiro, colocavam o magistério como a sua única opção de ser e ter algo melhor na vida, para muitas poderia ser a única forma de se tornarem mães. Então, mesmo sendo solteira, ela poderia dizer que era instruída, independente, e ganhar algum prestígio social.

Apenas por volta da década de 1950, depois de muita luta e com a necessidade de professores, começaram a ser admitidas as profissionais das camadas sociais mais desfavorecidas.

### **3. PARA ALÉM DAS BIBLIOGRAFIAS**

Antonio Joaquim Severino, prefaciando o livro “*Mulher e Educação: A paixão pelo possível*” de Jane Soares de Almeida (1998, p.12), descreve:

A memória revivida faz ressoar silêncios e omissões, levantando véus daquilo que foi calado e sufocado. Assim, é-nos colocada uma problemática antropológica radical, que extrapola os limites historiográfico, lançando-nos no âmago de uma reflexão densa sobre a condição feminina e seu complexo manifestar-se no tempo histórico-social.

Com base nos recortes do breve histórico bem como, deste fragmento citado, que nos faz refletir sobre a condição social feminina ainda tão necessária de discussão, foi que este trabalho nasceu. A nomenclatura deste terceiro ponto, não foi escolhida em vão, uma vez que, *Para além das bibliografias*, visa comprovar o quão forte e persistente ainda é a discussão sobre gênero, especificamente das mulheres. Pensamos repetidas vezes, em como é preciso discutir sobre trajetórias femininas, incluindo a educação e a diferenciação entre os sexos.

O foco do trabalho do grupo está naquelas que tiveram papéis marcados na história da educação, sobretudo, no estado da Paraíba, como as mulheres professoras e suas práticas educativas. Muitas dessas mulheres tiveram uma história que

aflorou dos objetos guardados em caixas de papelão, baús de enxovais e arcas de madeira: os papéis que contavam de nascimentos e mortes, as cartas de noivos, maridos e filhos nas guerras em lugares distantes, listas de tarefas doméstica, diários, que registravam fatos corriqueiros ou somente sonhos femininos, cardápios de jantares, escritos irregulares com caligrafias infantis em cadernos escolares dos filhos, cartões, diários íntimos; enfim, um sem-número de pequenas coisas representativas do tempo que se viveu, da vida que se levou e de todo um universo feminino aprisionado entre poeira dos objetos guardados...[...] (Ibid, 1998, p. 46)

Revivendo as memórias, cultura e história do Colégio Dr. Elpídio Almeida, o Estadual da Prata, estaremos também, contextualizando uma época cheia de desafios, sobretudo na década de 1940, ano de sua fundação:

Com base no site oficial<sup>1</sup> do colégio, no final dos anos 40, os cidadãos Campinenses só tinham três estabelecimentos de ensino secundário considerados de grande porte à época: Ginásio Alfredo Dantas, Pio XI e Imaculada Conceição, todos no centro da cidade e pagos. Como a cada dia crescia o número de jovens oriundos dos diversos cursos primários, que proliferavam pela cidade e partiam em busca de um educandário para que pudessem dar continuidade aos seus estudos, e como tais estabelecimentos de ensino que ofereciam a gratuidade aos seus alunos, não atendiam a demanda, criou-se em Campina um movimento de cunho cultural com o objetivo de sensibilizar o Governo Estadual, no sentido de que ele construísse, em nossa cidade, um educandário de grande porte que atendesse as necessidades da época.

Dessa forma, o então Governador Dr. Oswaldo Trigueiro, comprometeu-se com os seus suplicantes e garantiu-lhes a construção de tal estabelecimento, de acordo com as características explicitadas pelo povo campinense em suas constantes evocações. Em contrapartida, o Governador exigiu da edilidade campinense onde pudesse ser construída uma obra de tal porte, o que foi solucionado de pronto pelo Sr. Raimundo Viana, que doou o terreno onde hoje está edificado o ESTADUAL DA PRATA ao Governo do Estado que, de imediato, deu início às obras que em virtude do tamanho físico da construção, não foi possível concluí-la dentro do cronograma pré-estabelecido, só sendo o mesmo inaugurado vários anos depois, no governo subsequente do Dr. José Américo de Almeida, que no dia 31 de Janeiro de 1953 veio pessoalmente à nossa cidade com a finalidade de inaugurar o que viria a ser, e continuaria sendo, o maior estabelecimento de ensino do Estado da Paraíba. (Fonte: <http://www.colegioprata.xpg.com.br/>)

O Colégio Estadual da Prata fica localizado a Rua Duque de Caxias, número 235, no bairro da Prata, zona oeste do município de Campina Grande. Um bairro antigo, e considerado nobre. Atualmente vem mostrado sua tendência para a saúde, apesar de contar com pouco mais de quatro mil habitantes, possui diversos hospitais, centros médicos, clínicas, além de colégios e igrejas. O bairro conta ainda com a Feira da Prata, onde comerciantes de diversas cidades vêm aos domingos vender seus produtos<sup>2</sup>.

Ainda tecendo sobre o colégio, o mesmo tem um prestígio muito grande, não apenas pelo fato de estar localizado em um dos principais bairros da rainha da Borborema, mas também, pelo fato de conter uma estrutura física muito apreciada. Muitas universidades e faculdades desenvolvem anualmente trabalhos de grande importância patrimonial, científica e educacional nele, que o faz um verdadeiro e inesquecível GIGANTE DA PRATA.

Porém, uma triste informação é que esta tão grande instituição só teve como teve sua gestão feminina pela primeira vez 54 anos após sua inauguração. A professora Gisélia

<sup>1</sup> <http://www.colegioprata.xpg.com.br/>

<sup>2</sup> As informações a respeito do bairro da Prata foi uma construção baseado de trabalhos científicos

Fernandes Mariz Simões primeira mulher gestora geral do Estadual da Prata, que é uma de nossos objetos desta pesquisa que encontra-se em andamento. De acordo com o site da instituição a professora Gisélia

Foi eleita no dia 07/12/2006 como nova Diretora Geral do Colégio Estadual da Prata. A Professora de Biologia Gisélia Fernandes Mariz Simões respondia pela vice-diretoria da tarde. A eleição transcorreu num clima de perfeita tranquilidade. (Fonte: <http://www.colegioprata.xpg.com.br/>)



Professora Gisélia no momento da votação. Fonte: Colégio Estadual da Prata site.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a história das mulheres brasileiras, não vemos apenas dados sem importância do passado, mas vemos uma história da luta de uma classe, que foi (e é) silenciada e excluída dos âmbitos sociais e educacionais do nosso país. Vemos a história de meninas que precocemente, na infância, já eram doutrinadas e domesticadas em casa e/ou nas escolas, através de um currículo que buscava construir nelas, uma identidade de mãe, esposa, cuidadora do lar, somente e para sempre. Entretanto, vemos também a história de uma realidade que vem sendo mudada, de um gênero que tem conquistado seus direitos e seu espaço.

Estudar gênero não significa insuficiência de inteligência, pelo contrário, demonstra o quão racional, quão humano você é, pois, é uma das formas de ressoar o silêncio de muitos gritos ecoados durante milhares de anos, uma vez que gênero é uma categoria relacional, pois está atrelada a outras categorias como idade, raça e classe social... tendo em vista que um gênero se constitui com relação ao outro, seja na presença ou ausência do mesmo. Com tais estudos percebemos que no contexto social do nosso país (não só dele) o gênero masculino sempre foi (continua sendo) considerado superior em relação ao feminino, que o homem sempre foi considerado melhor, mais capaz e mais merecedor de direitos, e isso refletia também na educação, uma vez que o direito a ela, era bem mais restrito e limitado para a mulher. Porém, felizmente, a classe feminina encontrou nas pequenas oportunidades que tiveram, uma grande porta, e se tornaram maioria nas escolas, universidades e no magistério do Brasil.

Estudar sobre mulheres que se tornaram professoras, sobretudo, as que tiveram na profissão uma forma de independência, de ascensão social, faz parte do tema deste projeto, intitulado *Cultura, memória e história: a prática educativa de mulheres que se tornaram professoras*.

Portanto, apesar de nossa pesquisa no Colégio Dr. Elpídio de Almeida popularmente conhecido como Colégio Estadual. da Prata, encontrar-se ainda em andamento, neste primeiro momento estamos trazendo uma abordagem mais bibliográfica, visando um regaste e contribuição no tocante as pesquisas de gênero no nosso país e fora dele. Fazendo assim do nosso homem que está em processo de aquisição intelectual paulatinamente, um ser bem mais humano e criticista num mundo tão silenciador. Seremos sempre, RESISTÊNCIA!

**REFERÊNCIAS:**

ALBUQUERQUE E MELO, Alcilia Alfonso de. **O processo de industrialização na década de 1960 e as transformações da paisagem urbana no bairro da Prata, em Campina Grande**. A: Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo. "IX Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, Barcelona-Bogotá, Junio 2017". Barcelona: DUOT, 2017. Disponível em: <[https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2117/107530/16BCN\\_AfonsoAlcilia.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2117/107530/16BCN_AfonsoAlcilia.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 06/08/2018

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

APOLINÁRIO, Otávia Karla dos Santos et. al. **Formação E Mudanças Na Paisagem Do Bairro Da Prata Na Cidade De Campina Grande-Pb E O Uso Do Sistema De Informação Geográfica**. XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba. Disponível em: <[http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2009/anais/arquivos/1026\\_0655\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/1026_0655_01.pdf)>. Acesso em: 06/08/2018.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: Estudos Avançados, volume 5, nº 11. São Paulo, Janeiro/Abril, 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em: 25/03/2014.

GALVÃO, Ana Maria de Almeida. **Problematizando fontes em História da Educação**. In: Educação e Realidade- v.1, n.1 (fev 1976). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1976.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Pensar categorias em História da Educação e Gênero**. História. São Paulo. (11) nov. 1994 - p. 19-29.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (org), **História das mulheres no Brasil**. Editora Contexto, 1997.

PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10, ed., 1 reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2012.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

**Fonte:**

COLÉGIO ESTADUAL DR. ELPÍDIO DE ALMEIDA-PRATA. Disponível em: <<http://http://www.colegioprata.xpg.com.br/>>. Acesso em: 03/07/2018



## ANEXOS



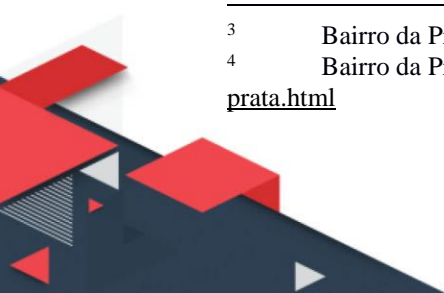
3



4

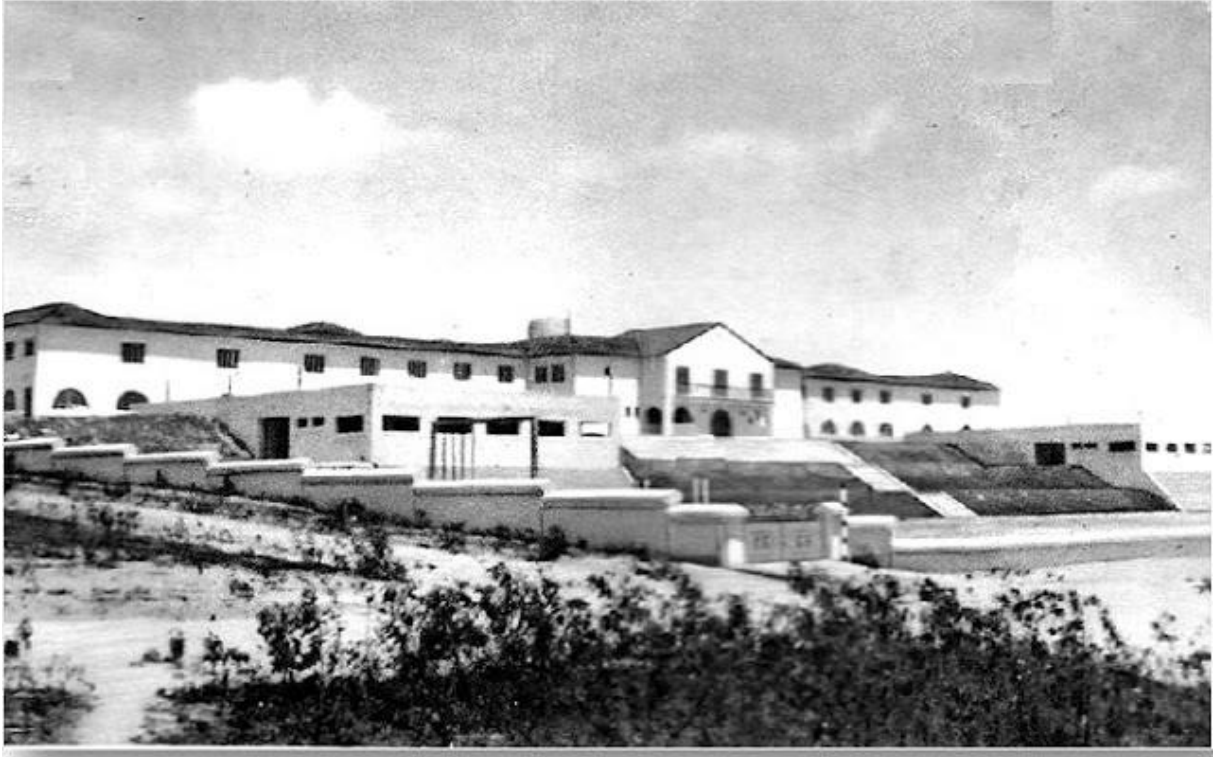
<sup>3</sup> Bairro da Prata antes. Fonte: Colégio Estadual da Prata site.

<sup>4</sup> Bairro da Prata atualmente (2018). Fonte: <http://rainha-da-borborema.blogspot.com/2012/12/a-feira-da-prata.html>





## COLÉGIO ESTADUAL DA PRATA DA DÉCADA DE 50



5



6

<sup>5</sup> Colégio Estadual da Prata antes. Fonte: <http://museudoesportedecampinagrande.blogspot.com/2013/07/de-volta-para-saudade-colegio-estadual.html>

<sup>6</sup> Colégio Estadual da Prata antes. Fonte: <http://60anosprata.blogspot.com/2013/>

